



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO –  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES  
CENTRO DE HUMANIDADES  
POLO DE GUARABIRA**

**MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO CHAVES**

**“BULLYING E SEUS EFEITOS NA APRENDIZAGEM: estudo de caso na Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande”**

**GUARABIRA  
2014**

**MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO CHAVES**

**“BULLYING E SEUS EFEITOS NA APRENDIZAGEM: estudo de caso na Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande”**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação e Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profª Drª Vagda Gutemberg Gonçalves da Rocha

**GUARABIRA  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C512b Chaves, Maria de Fátima Araújo  
Bullying e seus efeitos na aprendizagem [manuscrito] : estudo de caso na Escola Estadual de Demonstração de Alagoa Grande / Maria de Fátima Araújo Chaves. - 2014.  
37 p. : il. color.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Vagda Gutemberg Gonçalves da Rocha, Departamento de Educação".

1. Bullying. 2. Ensino-aprendizagem 3. Respeito. I. Título.  
21. ed. CDD 371.58



MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO CHAVES

**“BULLYING E SEUS EFEITOS NA APRENDIZAGEM: estudo de caso na Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande”**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação e Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 19/07/2014

Vagda g. g. Rocha

Profª Drª Vagda Gutemberg Gonçalves da Rocha/UEPB  
Orientadora

Francisca

Profª Drª Francisca Pereira Salvino/UEPB  
Examinadora

Jussara

Jussara Natália Moreira Bélens/UEPB  
Examinadora

Guarabira  
2014

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a Deus, a minha família e a todos que me incentivaram de alguma forma durante esta jornada. Aos colegas de curso, amigos e professores que compartilharam estes momentos junto comigo. E, principalmente, a todos aqueles que assim como eu, são felizes.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer é a forma mais correta de reafirmar que você se importa com as pessoas e as valoriza. Agradecer a Deus, que através de sua misericórdia e seu espírito me fez superar um câncer e as dificuldades encontradas no caminho. Os obstáculos me acrescentaram mais sede de saber e de viver.

Agradeço as inúmeras pessoas que contribuíram nesse processo de ensino e aprendizagem, contribuição esta que serão essenciais para toda a minha vida profissional.

Aos professores, amigos de todas as horas, ao nosso grupo de estudo onde trocávamos experiências e saberes, cada qual compartilhando na sua capacidade de entendimento.

Ao minha orientadora Vagda pelo apoio para realização desta pesquisa.

Aos meus colegas de turma que compartilharam comigo seus ensinamentos e sabedorias. Finalmente, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a minha realização pessoal e profissional.

*" Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito" (Albert Einstein)*

**“BULLYING E SEUS EFEITOS NOCIVOS À APRENDIZAGEM: estudo de caso na Escola Estadual de Ens. Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande”**

**RESUMO**

A agressividade e a violência nas escolas brasileiras estão assustando pais, professores e afugentando jovens de seus objetivos. O objeto de estudo aqui proposto é o bullying, violência física e/ou verbal presente no ambiente escolar. Não nos interessa aqui apontar soluções mágicas para o fim do preconceito, mas sobretudo, as influências nocivas que o *bullying* causa no ensino-aprendizagem daqueles que sofrem esse problema. Este trabalho encontra-se ancorado em autores como Fernandez (1994), Ramos (2008) e Amoretti (1992). A partir de uma pesquisa de cunho qualitativo, por meio de questionários e as análises buscaram entender como os jovens e a própria escola enxergam este problema. A partir das análises verifica-se a necessidade de desenvolver ações preventivas e campanhas de esclarecimentos nas escolas nas quais os valores sociais saudáveis sejam enaltecidos, tais como: solidariedade, respeito, tolerância e amizade.

**PALAVRAS CHAVE: Bullying. Ensino-aprendizagem. Preconceito. Respeito.**

**"BULLYING AND ITS HARM TO LEARNING: A Case Study in the State School of  
Ens. Fundamental Demonstration Alagoa Grande "**

**ABSTRACT**

Aggression and violence in Brazilian schools are scaring parents, teachers and young people driving away from your goals. The object of study proposed here is that bullying, physical and / or verbal gift in the school environment. Not concern us here point magic solutions to end prejudice, but especially harmful influences that bullying issue in the teaching and learning of those who suffer from this problem. This work lies at anchor in authors such as Fernandez (1994), Ramos (2008) and Amoretti (1992). From a qualitative study, using questionnaires and analysis sought to understand how young people and the school itself sighted this problem. From the analysis there is a need to develop preventive and clarifications campaigns in schools in which healthy social values are exalted, such as solidarity, respect, tolerance and friendship.

**KEYWORDS : Bullying . Teaching and learning. Prejudice . Respect .**

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

<b>FIGURA 1</b> – Entrada principal da Escola Estadual de Ens. Fund. de Demonstração de Alagoa Grande .....	25
---	----

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> – Você já foi agredido de alguma forma na escola? .....	27
<b>TABELA 2</b> - Você já presenciou algum ato de violência e/ou preconceito dentro do ambiente escolar? .....	28
<b>TABELA 3</b> - Onde aconteceu esse ato violento?.....	30

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. BULLYING .....	15
1.1 – O Bullying e diferença.....	15
1.2 O Ciberbullying ou Bullying virtual .....	19
1.3 O Bullying no espaço escolar .....	22
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	24
2.1 O processo de investigação e os sujeitos da pesquisa.....	24
2.1.1 A Escola campo .....	26
2.2 A prática do Bullying na voz dos alunos e professores .....	27
4. CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS .....	33
APÊNDICES.....	34
APÊNDICE A .....	35

## INTRODUÇÃO

Em nosso meio escolar uma das temáticas mais discutidas e presentes é o *bullying*. Alguns acreditam que este elemento não interfere na escola, outros o apontam como principal culpado pelo fracasso de muitos educandos. Questionamo-nos, enquanto educadores, o que leva alguém a agir de forma deliberada e cruel em relação a outrem. Por isto, neste estudo focalizar nosso olhar para este problema tão comum em nossas escolas, seja disfarçado sob forma de ‘brincadeiras’, seja explícito sob forma de humilhações.

*Bullying* é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que causam danos físicos e psicológicos. O termo vem do inglês (*bully*) que significa tirano, brutal. A violência é praticada por um ou mais indivíduos, com o objetivo de intimidar ou agredir a vítima. Além dessa acepção de significado, ainda existe uma mais ampla: trata-se do *ciber bullying* ou *bullying virtual*, disseminado através da rede mundial de computadores e muito mais difícil de ser combatido por ausência de leis específicas para crimes cometidos na *internet* (ROSA, 2002, p.15 e 16), também por causa da complexidade, rapidez e amplitude dos sistemas de ensino.

A longo prazo, os danos e os traumas causados por esse tipo de violência no ambiente escolar tornam-se muitas vezes insuperáveis, visto que na idade adulta os adolescentes que sofreram *bullying* desenvolvem algum tipo de reação, desde o desenvolvimento de quadros depressivos, pensamentos de vingança, ideias de suicídio, baixa auto-estima, até distúrbios mais graves que acometem a saúde física.

A motivação para pesquisar e escrever sobre a temática *bullying* surgiu com a necessidade urgente de compreender este elemento que interfere no bom andamento da sala de aula é que sentimos a necessidade de voltar nosso olhar de pesquisadores e historiadores tornando-o objeto desta pesquisa. O objetivo desse estudo foi verificar as ocorrências de *bullying* na Escola Estadual de Ensino fundamental de Demonstração de Alagoa Grande e identificar como os alunos e professores respondem a essa violência. Mais especificamente, buscamos observar os ambientes na escola onde os alunos apontam ter maior incidência de *bullying*; verificar a natureza das agressões, se físicas e/ou verbais; verificar quais medidas educativas pode ser tomadas a partir dessa realidade.

Este trabalho encontra-se dividida em três partes: uma revisão bibliográfica acerca do assunto, seguida de um estudo de caso numa escola estadual do município de Alagoa Grande e finalizando com análise dos dados e conclusões. Para isso, nossa pesquisa foi qualitativa e participante, com dados obtidos através de questionários contendo perguntas objetivas e subjetivas para nossa amostra – duas turmas do 9º ano do ensino fundamental do turno da manhã.

## 1 BULLYING

### 1.1 O *Bullying* e a diferença

De acordo com Silveira Bueno (2011), em seu Dicionário da Língua Portuguesa, o termo *bullying* vem do inglês e significa conjunto de maus-tratos, ameaças, coações ou outros atos de intimidação física ou psicológica exercido de forma continuada sobre uma pessoa considerada fraca ou vulnerável. É notório que apesar de ser uma terminologia relativamente nova, não quer dizer que o problema também o seja. Desde o início da História, o preconceito existe e os considerados ‘mais fracos’ são alvo de galhofas, violência e brincadeiras maldosas que atingem diretamente a auto-estima do indivíduo, geralmente por serem diferentes da maioria.

Segundo Beane (2010, p.18), o *bullying* ocorre quando:

Tem o objetivo de ferir e prejudicar o seu filho. Parece intenso e tem ocorrido por um significativo período de tempo. A pessoa que intimida seu filho procura ter poder e controle sobre ele. Não há pedidos de desculpas. O comportamento tem impacto negativo sobre seu filho

Identificar comportamentos agressivos e prejudiciais não é uma tarefa fácil, sobretudo, em um ambiente eclético como a escola, onde “os iguais” e “os diferentes” se misturam em um único lugar. A questão da diferença entre os seres humanos surge com a humanidade e está presente nos mais diversos discursos – político, religioso, filosófico, social. Como reação ao ideário da Revolução Francesa – igualdade e fraternidade – extremistas de direita apregoaram que os seres humanos não são iguais, e por isso não podem ser tratados como iguais. Este discurso, utilizado para combater os ideários da revolução, hoje é discurso das minorias e dos movimentos sociais. A diferença nem sempre foi tratada como hoje, em outras épocas, por exemplo, aqueles que apresentavam problemas congênitos, tais como deficiência mental ou física, eram tidos como demônios, loucos e aberrações, através dos séculos.

Em nossos dias, o *bullying* inicia com a diferença; com o constatar que o outro não é igual ao ‘eu’. A famigerada tolerância do multiculturalismo cai por terra quando se depara com esse preconceito tão arraigado na dualidade forte X fraco. A escola é um ambiente no qual as diferenças e as igualdades se encontram e deveria haver harmonia, na qual os

educandos percebessem e apreendessem valores como respeito, tolerância e compaixão; entretanto, essa cadeia é quebrada quando um indivíduo torna-se excluído ou incluído por causa de uma condição atípica em relação à maioria. Dessa forma, estamos vendo surgir os primeiros resquícios de violência escolar. Este é o primeiro preconceito devido à diferença.

No Brasil, a preocupação com a violência escolar é recente; e essa preocupação começou a ocorrer devido a depredação de prédios e patrimônios públicos, entretanto, no início dos anos 2000 estudos de relações interpessoais agressivas envolvendo alunos, professores e outros membros da comunidade escolar começam a chamar atenção. Segundo Martins (2005), vários são os conceitos existentes que envolvem a violência na escola: distúrbio de conduta, distúrbio de comportamento e *bullying*.

Martins (2005) e Antunes (2008) identificam o *bullying* em três grandes tipos. Segundo os autores, baseando-se no estudo teórico de produções na área, o que se chama por *bullying* é dividido da seguinte maneira: diretos e físicos, que inclui agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou a ameaça destas; diretos e verbais, que incluem insultar, apelidar, "tirar sarro", fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro; e indiretos que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega.

Assim, percebemos que a diferença, que outrora fora valorizada, nesses contextos perde o valor e passa a ser o principal motivo para apontar o outro e discriminá-lo de forma indevida. A escola não é o único meio no qual esse desrespeito é vivenciado, embora seja o primeiro lugar onde ele precisa ser combatido de forma enérgica e eficaz por ser um espaço social no qual se deve aprender o respeito ao próximo e a si mesmo.

Partindo dessa premissa, segundo Fante (2005), foi Olweus (1993), pesquisador da Universidade de Bergen na Noruega, um dos primeiros a realizar estudos sobre violência no ambiente escolar, buscando compreender como a diferença entre os estudantes deixava de ser uma característica peculiar a cada um e passava a ser uma forma de exclusão e violência mais evidente entre os estudantes. Entendemos por violência não apenas agressões físicas, como já mencionamos, mas sobretudo, maus tratos verbais com o objetivo de humilhar e menosprezar o outro. Os primeiros critérios para a identificação do *bullying* na escola foi sugerido por Olweus, que buscou diferenciar este fato específico de outros tipos de comportamentos no

mesmo ambiente. Através desse estudo, verificou-se que um em cada sete alunos estavam envolvidos em situações de *bullying*.

Ainda de acordo com Fante (2005), estima-se que o *bullying* escolar vem crescendo no mundo todo, e atingindo inclusive os primeiros anos de escolarização, a chamada primeira e segunda infâncias; calcula-se que em torno de 10% das crianças em idade escolar estejam envolvidas como vítimas ou agressores. Para essa autora, o *bullying* escolar está restrito a insultos, gozações, apelidos constrangedores, além da atuação de grupinhos que se unem para hostilizar alguns alunos. Alguns psicólogos denominam esse tipo de comportamento de violência moral, permitindo diferenciá-lo de brincadeiras entre iguais, propício do desenvolvimento de cada um. Ou seja, o que difere as brincadeiras entre as crianças e o *bullying* é exatamente a forma de inclusão ou exclusão ao qual o indivíduo é exposto. Assim:

O bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos (FANTE, 2005, p.26).

Comportamentos que podem ser interpretados como *bullying* precisam ser diferenciados de outros tipos de comportamentos típicos da idade e do convívio social na escola entre os colegas de uma mesma sala, por exemplo. Faz-se importante destacar que para ser caracterizado como *bullying* é necessário ser um ato repetitivo. Sobre isso Beane (2010) esclarece que:

É importante que você saiba diferenciar o *bullying* de um conflito normal. Alguns tipos de conflitos são parte da vida. Nem todo conflito necessariamente fere, e lidar com essas situações pode ajudar o seu filho para a vida de maneira positiva. Portanto, não se precipite quando observar conflito entre seu filho e as outras crianças. (p.17)

Existem três formas de se envolver com as ações agressivas representativas do *bullying*: envolvimento como vítimas, agressores ou testemunhas. Para Lopes Neto (2004), não existe uma forma de verificar ou mensurar quem é mais prejudicado com essas atitudes, entretanto, sabemos que todos os envolvidos apresentam déficit de aprendizagem e rendimento escolar, além de problemas sociais e de convivência que podem se manifestar ao longo da vida.

Há um perfil diferenciado entre vítima e agressor: os primeiros são geralmente mais tímidos, falam pouco e tiram notas boas; os agressores geralmente são os típicos ‘populares’, que estão sempre rodeados por muitas pessoas – precisam se auto afirmar o tempo todo através do apoio dos que o cercam – e não são alunos exemplares em comportamento ou estudiosos (FANTE, 2005, p. 35)

A testemunha é aquele que presencia atos de violência física ou moral, porém não reage de maneira eficaz por diversos motivos, entre eles, o medo de ser o próximo excluído ou o próximo alvo do agressor. Na visão do autor Lopes Neto (2005, p. 167):

A maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de *bullying* e geralmente se cala por medo de ser a "próxima vítima", por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos.

Assim, os agressores entendem que os espectadores sentem simpatia por eles justamente por não terem combatido ou denunciado a agressão, o que lhes dá uma sensação de ‘falso poder’ perante as testemunhas (LOPES NETO, 2005). Sobre os agressores e vítimas nesse processo doloroso para ambos, Voors (2000) afirma que:

Deve haver sentimentos contrastantes entre a criança que pratica o *bullying* e seu alvo como resultado do episódio de *bullying*. A criança que pratica o *bullying* pode se sentir excitada, poderosa ou achando graça depois do episódio de *bullying*, enquanto que aquela que sofreu o *bullying* se sente amedrontada, embaraçada ou ferida. (...) As vítimas geralmente se sentem feridas e bravas quando o *bullying* as ataca. Se tentam expressar sua mágoa ou raiva, a criança que pratica o *bullying* geralmente responde com indiferença ou zombaria, o que leva a mais humilhação ainda (p. 5).

A sensação de prazer é momentânea, enquanto que os sentimentos ligados à inferioridade típica da vítima são mais persistentes. Com a tecnologia surgiram novas formas de se praticar esse ato, conhecido como *cyberbullying*, que segundo especialistas apresentam danos mais graves que os relacionados ao *bullying* convencional (VOORS, 2000). É sobre essa forma de *bullying* que tratamos na próxima secção.

## 1.2 O *Cyberbullying* ou *Bullying Virtual*

As práticas sociais do mundo contemporâneo estão mediadas pelas novas tecnologias e pela inserção de muita informação diante da tela de um computador. Com a chegada da internet não há dúvida de que nossa vida sofreu transformações tanto boas quanto más. A grande rede de computadores possui uma projeção de longo alcance, onde as notícias e as informações correm o mundo inteiro em questão de segundos. Dessa mesma forma, essa importante ferramenta para o homem também pode ser utilizada indevidamente para promover uma nova modalidade de agressões, humilhações e seus afins, o chamado *Cyberbullying*. Gabriela Cabral (2008) define essa nova modalidade de agressões da seguinte maneira:

O *Cyberbullying* é um tipo de *bullying* melhorado. É a prática realizada através da internet que busca humilhar e ridicularizar os alunos, pessoas desconhecidas e também professores perante a sociedade virtual. Apesar de ser praticado de forma virtual, o *cyberbullying* tem preocupado pais e professores, pois através da internet os insultos se multiplicam rapidamente e ainda contribuem para contaminar outras pessoas que conhecem a vítima. Os meios virtuais utilizados para disseminar difamações e calúnias são as comunidades, *e-mails*, torpedos, blogs e fotologs. Além de discriminar as pessoas, os autores são incapazes de se identificar, pois não são responsáveis o bastante para assumirem aquilo que fazem. É importante dizer que mesmo anônimos, os responsáveis pela calúnia sempre são descobertos (p.85).

Para Bill Belsey, um dos pioneiros no estudo do *bullying* mediado pelas tecnologias de comunicação,

o *cyberbullying* pode ser definido como aquele que: “envolve o uso de tecnologias da informação e da comunicação como e-mails, celulares, *paggers*, mensagens instantâneas, salas de bate-papo, sites difamatórios, enquetes pessoais com fins pejorativos colocados on-line, etc., com a finalidade de legitimar comportamentos hostis, deliberados e repetitivos, produzidos individualmente ou em grupos, para causar danos a outros” (<http://www.cyberbullying.org/>).

O *Cyberbullying* apresenta as mesmas características do *bullying*, entretanto, a veiculação e exposição se dá através de sites de relacionamentos na grande rede, o que torna

sua prática quase impossível de ser extinta. Comparativamente, o *CyberBullying* é pior que o Bullying, porque a vítima pode ser perseguida e humilhada através de mensagens de textos no celular, fotos e perfis falsos com o intuito de difamação.

Segundo Guimarães e Furlaneto (2003) crimes virtuais ou informáticos são aqueles “que possuem uma conduta ilegal, não ética, não autorizada que envolva o processamento de dados e/ou sua transmissão”. Ainda segundo os autores, os crimes de internet podem ser classificados em: crime virtual puro, que compreende qualquer conduta ilícita; crime virtual misto, aquele que utiliza a internet para conduta ilícita, como numa transação bancária ilegal, por exemplo; e o crime virtual comum, aquele que se utiliza da internet para praticar um crime previsto no código penal brasileiro, como a pornografia infantil, por exemplo.

O surgimento dos primeiros crimes virtuais data da década de 1960, quando os crimes praticados na grande rede eram sabotagem e espionagem; a partir da década de 1980 esses crimes foram se tornando mais frequentes e mais abrangentes, além desses, os *hackeres* começaram a ganhar um espaço notável para atividades ilícitas, como invadir contas pessoais, manipular sistemas de governos, de ONGs apenas pela motivação do poder invadir um sistema de segurança até então infalível (ROSA, 2007, p. 37).

Da mesma forma que o mundo globalizado se expandiu com a ajuda da internet, muitos crimes também foram praticados com a ajuda desta. Sobre isso, Marañón (2009) afirma que

Infelizmente, a Internet também tem seu lado tenebroso: intrusos, vírus, scams, pederastias, máfias, pirataria, espionagem... Estes males vêm para manchar a visão idílica de uma rede de redes onde todos colaboram e compartilham informações e conhecimentos em paz e harmonia. Nós não podemos viver sem a Internet, mas não podemos confiar cegamente em seus benefícios e nem mergulharmos descontroladamente em suas profundezas. Internet hospeda inumeráveis perigos [...] (p.15).

Com a chegada das redes sociais os crimes virtuais se fortaleceram pois o anonimato é um encorajador dessas práticas. A definição de rede social, segundo Lima (2011), é uma página de Internet onde o usuário pode publicar um determinado perfil que julgar conveniente de si mesmo, anexando fotos, ideias, qualificações, hobbies e outros dados pessoais. Existe uma infinidade de redes sociais que são usadas, em todo o mundo, de acordo com a preferência dos usuários, tais como: *Ning, Tagged, LinkedIn, MySpace, FourSquare, Flickr, Sonico, Hi5, Dihitt, LiveJournal, Blogger, Formspring, MSN Messenger*, etc.

Como a internet é um território no qual existe um ‘falso anonimato’, os agressores e autores de crimes virtuais se sentem protegidos, pois acreditam que não serão descobertos em seus delitos. Entretanto, mesmo sendo cuidadosos para não ser pegos em flagrante, todo usuário de computador ao se conectar na grande rede tem um código, chamado de endereço IP, capaz de localizar o computador de onde está sendo acessado.

O maior estímulo aos crimes virtuais é dado pela crença de que o meio digital é um ambiente marginal, um submundo em que a ilegalidade impera. Essa postura existe porque a sociedade não sente que o meio é suficientemente vigiado e que seus crimes são adequadamente punidos. O conjunto norma-sanção é tão necessário no mundo digital quanto no real. Se houver essa falta de crédito na capacidade punitiva da sociedade digital, os crimes aumentarão e os negócios virtuais serão desestimulados. Muitas pessoas que não cometem crimes no mundo real por medo de serem pegas, acabam, de algum modo, interessando-se pela prática delituosa virtual. É o caso, por exemplo, do grande número de adolescentes de classe média, que praticam atos ilegais na rede e sentem-se bastante seguros para fazê-lo. Esse tipo de crime tem um traço cultural que se aproxima do vandalismo. (PINHEIRO, 2011, p.301)

Infelizmente o Brasil ainda não possui uma legislação federal específica que combata os crimes virtuais, ficando a responsabilidade de regulamentação para o Código Penal Brasileiro. Entretanto isso não pode ser empecilho para denúncias e combate de crimes dessa natureza.

Há ainda outro fator importante que diferencia o *cyberbullying*: o fato de o agressor não estar visível fisicamente para a vítima e, portanto, não estar presente na hora em que ela recebe a provocação, que ocorre por meio eletrônico, não só encoraja condutas mais ousadas, como também libera qualquer inibição ou constrangimento que pudesse haver na sua presença. Alexandre Atheniense pontua que, dessa forma, “o agressor não vê de imediato o mal que causou, ou seja, as consequências dos seus atos, o que minimiza quaisquer eventuais sentimentos de arrependimento, remorso ou empatia para com a vítima que pudesse vir a sentir em resultado dessa constatação. Essa realidade cria, assim, uma situação em que as pessoas podem fazer e dizer coisas na internet que seriam muito menos propensas a dizer ou fazer presencialmente” (ATHENIENSE, 2010)

### 1.3 O *bullying* no espaço escolar

Quando se faz referência ao contexto escolar, deparamo-nos com os conflitos próprios da sala de aula, das relações interpessoais e convivência entre os indivíduos. Para Fante (2005, p.44), “o *bullying* é um fenômeno mundial tão antigo quanto a própria escola”. Em um ambiente como a escola, onde a diversidade impera Chalita (2008) diz que:

(...) o fenômeno *bullying* invade silenciosamente os espaços escolares, furtando de crianças e jovens a possibilidade de sonhar. As experiências de dor, de angústia e de humilhação, vividas solitariamente, deixam cicatrizes e podem trazer graves consequências para os adultos que essas crianças serão. (pg.85)

Onde existem relações interpessoais que exigem convivência entre pessoas é um ambiente propício para que se desenvolvam ações agressivas, constrangedoras e ofensivas típicas do *bullying*: praças, locais de trabalho, ruas, shoppings, lojas, escolas, enfim, locais onde o convívio social tende a acontecer. Entretanto, é a escola o primeiro ambiente que suscita esse comportamento. A função social da escola e da família relativa à criança é bem clara no artigo 227 da Constituição Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 2010) que versa que é:

(...) dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão<sup>1</sup>.

Logo, a educação formal que está inserida nas competências relativas à família e ao Estado devem assegurar à criança ser salva de qualquer negligência, constrangimento, exploração, etc. Quando verificamos que os casos de *bullying* no meio escolar vêm crescendo assustadoramente, indagamos se os direitos previstos na Carta Magna não estão sendo usurpados prematuramente.

É óbvio que esse fenômeno não ocorre apenas no espaço ‘escola’, mas é um dos ambientes mais propícios para essas agressões, ao passo que também é um dos espaços mais

---

<sup>1</sup> Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010.

difíceis de diagnosticar o que é *bullying* do que não é, conforme já mencionamos anteriormente. Acerca dessa dificuldade, Chalita (2008) afirma que:

Nas escolas, é um fenômeno complexo, muitas vezes banalizado e confundido com agressão e indisciplina. Exige observação atenta e presença constante, pois, normalmente, as vítimas são aterrorizadas em áreas da escola com pouca ou nenhuma supervisão. (p.81)

Cabe aos professores, gestores e alunos saberem diferenciar agressão e indisciplina do *bullying* em si, pois este apresenta características diferenciadas e comportamentos repetitivos e hostis em relação ao outro.

Quando tratamos de inserir nos contextos escolares os temas transversais, orientados pelos PCN's, vemos o quão importantes são esses assuntos para sanar problemas como o *bullying*, por exemplo. Ética, respeito e cidadania são temáticas relevantes que precisam ser trabalhadas no ambiente onde ocorre esse tipo de violência. Assim, para se combater violências como o *bullying* é necessário que adotemos uma postura que valoriza e cultive a paz no ambiente escolar. Acerca desse assunto Fante (2005) afirma que:

As escolas deveriam educar as emoções dos seus alunos, estimulando-os a pensarem antes de agirem; a lidarem com seus medos, angústias, rejeições, fracassos e frustrações; a canalizarem sua agressividade para atividades proativas; enfim, a não ter medo do medo, a serem líderes de si mesmos, autores de suas próprias histórias. (pp. 96-97)

Não se trata somente de promover 'a paz' nas escolas, mas, sobretudo transformar e canalizar as energias negativas em positivas, para que os alunos possam perceber a importância de se conviver em um ambiente sadio e livre de humilhações e constrangimentos, onde um sempre se coloca no lugar do outro.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa teve como campo empírico uma escola estadual no município de Alagoa Grande, para isso, esta pesquisa foi realizada em dois momentos: uma revisão bibliográfica referente ao tema *bullying* no meio escolar e, no momento seguinte uma pesquisa-campo com professores e alunos acerca do tema e sua ocorrência na referida escola.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa participante, de caráter descritivo-interpretativa, cujos dados de análise foram obtidos através de questionários. A pesquisa qualitativa tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos sociais do mundo, analisar o local de origem dos dados não impedindo o pesquisador utilize o empirismo científico (MAANEN, 1979, p. 520). Para realizar o presente estudo, recorreu-se à pesquisa bibliográfica e à pesquisa de campo. Para a coleta de dados optamos pelo questionário escrito, que, segundo Gaskell (2002), permite a compreensão minuciosa das motivações, das atitudes, dos valores, e das crenças dos sujeitos pesquisados. O instrumento de pesquisa utilizado foram questionários compostos de perguntas objetivas e uma subjetiva para verificar a ocorrência do *bullying* no espaço escolar.

### 2.1 O percurso da investigação e os sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Demonstração de Alagoa Grande em março de 2014, no período da manhã. Nossa amostragem é referente à 42 alunos matriculados em 2014 na referida escola – às turmas do 9º ano do ensino fundamental por se tratarem de alunos entre a faixa etária de 12 a 14 anos, idade na qual ocorre maior incidência da violência, segundo informações obtidas na própria escola. Participaram também de nossa pesquisa 5 professores da referida série. Os questionários – apêndice 1 – contendo perguntas mistas (abertas e de múltipla escolha) buscaram identificar quais tipos de agressão os participantes da pesquisa já vivenciaram, em qual lugar da escola, bem como indagamos a respeito de prováveis alternativas para o problema.

Em média, os participantes da pesquisa levaram entre 7 e 10 minutos para responderem aos questionários; não foi fornecida qualquer informação adicional, salvo no início, quando explicamos que se tratava de uma pesquisa investigativa sobre *bullying* na Escola Estadual de Demonstração de Alagoa Grande.

### 2.1.1 A Escola campo

A Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração situada na cidade de Alagoa Grande nasceu de um embrião da necessidade do Centro de Formação e Treinamento de Professores de Alagoa Grande, que não tinha laboratório para avaliar os seus cursistas e professores em 1964, no Governo do Presidente Marechal H. A. Castelo Branco, do Governador Estadual Pedro Moreno Gondim e do Secretário da Educação Antonio Nominando de Diniz.

O espaço físico da escola é amplo, contando com 15 salas de aulas, refeitório, cozinha, almoxarifado, banheiros independentes para os alunos, funcionários e professores, auditório com capacidade para cerca de 600 pessoas. Possui ainda a ala reservada para a estadia dos cursistas, com 20 quartos. Hoje funciona com turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, tendo como diretor o professor Cleones Lúcio Ferreira de Moraes Lins e Vice-diretora a professora Maria Irece Agra.



**Figura 1** - Entrada principal da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande

### 3.2 A Prática do *bullying* na voz dos alunos e professores

O *bullying* está presente em todas as classes sociais, culturas, raças, crenças e escolas, em maior e/ou menor grau. Os sujeitos participantes dessa pesquisa responderam a um questionário investigativo no qual eles puderam identificar formas e lugares mais comuns onde ocorre o *bullying* no ambiente escolar, que pode ocorrer de maneira direta e/ou indireta, conforme explica Lopes Neto (2004):

O *bullying* é classificado como direto quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando as vítimas estão ausentes. São considerados *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões ou gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas. (p. 36)

O *bullying* é um problema que está presente na escola, entretanto não pode ser fator determinante para que este ambiente seja corrompido ou destruído; assim, nosso primeiro questionamento foi a respeito das prováveis agressões, físicas ou verbais sofridas pelos alunos; eles poderiam assinalar quantas ocorrências quisessem e/ ou identificassem que já ocorreram. Assim, a maioria 95,23% identificou os apelidos maldosos como um dos problemas mais recorrentes no contexto escolar, que segundo Chalita (2005), podem ou não conduzir ao *bullying*.

Outras ocorrências mais graves, como chutes e pontapés (66,66%) e ser impedido de participar de brincadeiras e/ou ser excluído de grupos (14,28%) também foram mencionados pelos alunos de forma mais incisiva. Esses comportamentos caracterizam a prática do *bullying*, pois excluem, humilham e são ofensas e comportamentos repetitivos. A tabela abaixo compreende os resultados obtidos através da primeira pergunta do questionário, na qual os alunos poderiam assinalar quantas alternativas desejassem, o que torna a porcentagem de cada alternativa superior a porcentagem final, que se refere apenas a quantidade de 42 alunos:

**TABELA 1** – Agressões sofridas e identificadas pelos alunos (poderia assinalar quantas alternativas achasse pertinente)

<b>ALTERNATIVAS</b>	<b>ALUNOS</b>
Alguém bateu , chutou, deu rasteiras, pontapés, socos ou empurrou você.	<b>28 (66,66%)</b>
Alguém colocou apelidos maldosos em você.	<b>40 (95,23%)</b>
Alguém fez brincadeiras e gozações que deixaram você constrangido.	<b>21 (50%)</b>
Alguém disse coisas maldosas e mentiras sobre você ou sua família.	<b>12 (28,57%)</b>
Alguém faz gozações por seus óculos, ou por você ser pequeno, gordo, loiro, ou baixo.	<b>8 (19,04%)</b>
Alguém roubou seu lanche ou seu dinheiro.	<b>3 (7,14%)</b>
Alguém lhe fez ameaças, zombarias ou fofocas.	<b>25 (59,52%)</b>
Você já foi impedido de participar em alguma brincadeira ou de algum grupo.	<b>6 (14,28%)</b>
<b>TOTAL</b>	<b>42 (100%)</b>

Segundo Freire (1996, p. 17) “faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano que nega radicalmente a democracia”. A escola tem o dever de oferecer à criança ambientes saudáveis, harmoniosos, nos quais seu pleno desenvolvimento social e intelectual sejam livres de quaisquer resquícios de rejeição, discriminação ou preconceito. Entendemos que os ambientes não estão livres de preconceitos ou discriminações diversas, mas na escola, é preciso que sejam trabalhadas de modo adequado, conduzindo a criança a reflexões de suas próprias atitudes em prol de um ambiente melhor de convivência.

Quando perguntamos sobre os atos de violência e/ou preconceitos já presenciados pelos alunos e professores, as respostas foram surpreendentes e quase que generalizadas. Apenas 1 aluno declarou não lembrar de ter presenciado ou sofrido algum ato de violência no ambiente escolar; todos os outros alunos que responderam a este questionamento se lembraram de presenciar tais atos, conforme tabela 2:

**TABELA 2 – Atos de violência e/ou preconceito presenciados pelos alunos e/ou professores dentro do ambiente escolar**

<b>ALTERNATIVAS</b>	<b>ALUNOS</b>	<b>PROFESSORES</b>
SIM	<b>41 (99%)</b>	<b>5 (100%)</b>
NÃO	-	-
NÃO LEMBRO	<b>1 (1%)</b>	-
<b>TOTAL</b>	<b>42 (100%)</b>	<b>5 (100%)</b>

Embora os professores tenham sido unânimes ao responder que já presenciaram cenas características de *bullying* dentro do ambiente escolar, quando perguntamos a respeito da escola e seus professores estarem preparados para inibir essa prática, alguns declararam o seguinte:

Nem a escola está apta a enfrentar esse problema e nem nós, pois muitas vezes o que fazemos é vista grossa para apenas adiar um problema. Outras vezes, dizemos que não é nada de mais e não vemos os reais danos causados por essas agressões. (Professora 1)

Os professores estão mais bem preparados que a escola para combater o *bullying*, já que é um tema que sempre está presente na sala de aula, seja através de brincadeiras ofensivas ou apelidos maldosos. Para mim, o *bullying* na escola precisa ser tratado de forma mais enérgica, senão os alunos pensam que é normal desprezar o outro e continuam com essa prática de zombaria. Acho que a escola poderia promover mais campanhas educativas e palestras com o tema. (Professora 2)

Os relatos das professoras demonstram certa insegurança em tratar essa temática tão delicada e refletem o despreparo do professor perante algumas situações. Já outra professora, aponta como despreparada a escola, uma vez que é o professor que precisa intervir nessas práticas repetitivas de violência. Para que o *bullying* não aconteça no cotidiano pedagógico é necessário tanto a participação do professor quanto da direção da escola, quanto dos alunos. O professor de um lado tem o dever de transmitir o papel ético, que envolve a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça e da solidariedade e os alunos o papel de entender e cooperar com as ações do professor. A escola, por sua vez, deve direcionar eticamente os conflitos entre os alunos e procurar resolvê-los.

Os alunos, quando questionados sobre a escola e os professores estarem aptos para tratar e resolver o *bullying* escolar, responderam:

Alguns professores se mostram mais preocupados que outros (...) a maioria deixa a brincadeira da gente correr solta, pois sabe que são apenas brincadeiras. Mas, quando se passa dos limites, sempre chama nossa atenção e a diretora da escola dá suspensão e manda chamar os pais. Eu acho que a escola está fazendo sua parte. (Aluno 1)

Na hora do intervalo geralmente ficamos sozinhos e os professores na sala dos professores; não tem condição de ver tudo o que acontece. Quando eles vem algum desrespeito, eles reclamam, chamam pra conversar, mas nunca passa disso. No outro dia, fazemos de novo. Uma vez vi uma menina chorar porque chamaram ela de gorducha e a professora fez de conta que não ouviu e levou na brincadeira. (Aluno 2)

Através da fala dos alunos percebemos que a análise que estes fazem acerca da preocupação que os professores e escola têm sobre o fenômeno *bullying* não é tão relevante assim, embora os professores tenham respondido mais adiante que é muito difícil combater um mal que muitos confundem com brincadeiras de mau gosto. Ao admitir que as ‘brincadeiras’ são repetitivas, o aluno já caracteriza a instauração do *bullying* nesse contexto, o que torna o intervalo entre as aulas um ambiente propício para as agressões.

É óbvio que professores e alunos agem de forma diferente diante desse fenômeno agressivo e constrangedor que é o *bullying*, entretanto, o papel do professor pode ser decisivo para por fim a determinados comportamentos. Os PCN’s (2001) faz uma importante reflexão sobre o papel do professor diante de casos de *bullying*.

(...) deve ser feito um destaque para preconceitos e desrespeito frequente entre os alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente os gordos, os feios, os baixinhos etc., em geral traduzidos por apelidos pejorativos. Nesses casos o professor não deve admitir tais atitudes (...) (p. 37)

Segue afirmando qual deve ser a atitude docente:

(...) não se trata de punir os alunos, trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que a outra, trata-se de fazer os alunos pensarem e refletirem a respeito de suas atitudes (...) (p. 38)

A ética e o respeito são temáticas tratadas em sala de aula, porém o professor não deve restringi-las apenas a conteúdos em sala, mas, sobretudo transformá-las em atitudes cotidianas e que devem ser valorizadas ao máximo.

A escola é um ambiente bem propício para ocorrências de *bullying*, não se restringindo a um lugar específico, mas os estudantes apontaram o corredor e a sala de aula como os lugares de maior incidência do problema, conforme tabela a seguir:

**TABELA 3 – Lugares de maior ocorrência de *bullying* no ambiente escolar**

<b>ALTERNATIVAS</b>	<b>ALUNOS</b>	<b>PROFESSORES</b>
Na sala de aula.	<b>14 (33,33%)</b>	<b>2 (40%)</b>
No recreio.	<b>7 (16,66%)</b>	<b>3 (60%)</b>
No corredor da escola.	<b>16 (38,09%)</b>	<b>0%</b>
No portão da escola.	<b>3 (7,14%)</b>	<b>0%</b>
No banheiro da escola.	<b>2 (4,76%)</b>	<b>0%</b>
Outros lugares	<b>0 %</b>	<b>0%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>42 (100%)</b>	<b>5 (100%)</b>

É notória uma maior ocorrência percebida pelos alunos na sala de aula e no corredor da escola, ao passo que os professores declararam que já presenciaram casos de *bullying* na sala de aula e no intervalo em momentos de descontração dos alunos. Os ambientes que são comuns aos professores e alunos são a sala de aula, o corredor e a biblioteca; desses, os professores relataram ocorrências de *bullying* na sala de aula, ao passo que os alunos, além de citar a sala de aula, também citaram o banheiro da escola e principalmente, o corredor.

Como declarado por um dos alunos durante a análise dos questionários, não é possível os professores verem tudo o que ocorre na hora do intervalo, por exemplo, o que torna a repreensão mais tardia, já que dependem de alguma queixa para identificar agressões e brincadeiras de mau gosto.

Nossa última pergunta foi de caráter subjetivo, quando indagamos a opinião dos alunos e professores sobre a ocorrência de *bullying* na escola. Percebemos através de alguns relatos que esta prática não é bem vinda e precisa ser combatida urgentemente, pois algumas pessoas não sabem diferenciar brincadeira entre os iguais de humilhações características do *bullying*. É consenso que essa prática não é saudável nem para os agressores, muito menos para as vítimas. Segue algumas considerações dos alunos e professores em suas respostas:

Não é legal o *bullying* porque poderia ser com qualquer um da gente e daí a gente não ia gostar. Era bom que punisse quem faz isso(...) (Aluna 3).

O *bullying* virtual é o pior que existe pois todos podem ver e não é só na escola. Ele se espalha rápido, como uma foto por exemplo e vai por aí até destruir a imagem da pessoa. A escola é o lugar onde os grupinhos ficam ‘tirando mais onda’ com os outros, e isso pra mim é *bullying* (Aluno 4).

Já os professores declararam o seguinte:

É preciso que as forças sejam unidas para se combater esse grande problema. Não basta apenas identificarmos que na nossa escola ocorre, mas precisamos transformar nossa realidade para fazer a diferença na vida desses jovens, que muitas das vezes, são vítimas e não tem ajuda nenhuma. (Professora 3)

A escola é lugar de aprendizado. Aprendizagem sadia voltada para cidadania ética e respeito. Logo, o *bullying* onde quer que seja, vai de encontro com esse ambiente, pois as humilhações e perseguições são atos violentos gravíssimos. Cabe a escola está atenta a tudo isso e buscar uma forma de combater. (Professora 4)

O professor reconhece a importância da escola no combate ao *bullying*, mas também reconhece seu papel na prevenção ao *bullying* dentro da escola. Conduzir os alunos para estes terem uma boa conduta, visando o respeito a todos e as diferenças individuais de cada sujeito é parte fundamental da profissão docente, não se limitando somente ao processo de ensino aprendizagem (LOPES NETO, 2011).

Assim, enquanto professores podemos sugerir alternativas para se combater este mal, tais como:

- Palestras educativas sobre o tema;
- Exibição de filmes retratando a exclusão de alunos;
- Estímulo ao trabalho em equipe para socialização e respeito mútuo entre os alunos;
- Leitura de paradidáticos que retratem a temática, entre outras possibilidades.

## 4 CONCLUSÃO

Durante o levantamento bibliográfico e ao final dessa pesquisa percebemos que o *bullying* é um fenômeno complexo que não deve ser confundido com uma violência escolar ou desentendimento entre duas crianças. Para ser identificado como tal, é necessário que as agressões físicas ou morais sejam intencionais e repetitivas. É notório que estamos diante de um fenômeno mundial que se alastra principalmente em nossas salas de aulas, embora algumas vezes passe despercebido de pais, de professores e de alunos.

Escrever e pesquisar acerca dessa temática foi relevante, principalmente como docente, a fim de conhecer e esclarecer os comportamentos juvenis que podemos caracterizar como *bullying*. A Escola de Demonstração de Alagoa Grande foi um campo de pesquisa bom e receptivo para nossas considerações, pois tanto os alunos quanto os professores contribuíram para esse estudo e ajudaram-nos a verificar que as vítimas e os agressores mantêm uma relação de submissão e poder que prejudica o bom desempenho escolar de ambos. Os professores declararam que muitas vezes não estão preparados para reagir a tal fenômeno devido a sua complexidade e às vezes à forma sorrateira como ocorrem.

Adotar posturas positivas e promover a cultura da paz nas escolas por parte de professores e gestão escolar foram apontadas como forma de amenizar o problema.

Verificamos ao final dessa pesquisa que as consequências desses atos de violência podem acompanhar seu protagonista por toda a vida, interferindo em suas decisões e impedindo que este tenha uma postura sadia e ética diante de situações do dia a dia. A partir da análise dos dados obtidos pelos questionários e observações em sala de aula, pôde-se observar que as atitudes docentes tendem a prevenção do *bullying* na sala de aula, embora em alguns momentos, alguns professores mencionaram que não sabem como reagir ao fato. Essa prevenção se dá através de diálogo educativos e conversas informais quando surge algum caso de discriminação, agressão ou o *cyberbullying*.

Acreditamos ter alcançado nosso objetivo inicial que foi o de investigar a ocorrência de *bullying* na Escola de Demonstração de Alagoa Grande e como os alunos e professores identificam e reagem a esse processo; ressaltamos a importância da figura do professor frente ao *bullying* bem como a promoção do multiculturalismo e dos temas transversais de ética e respeito em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ATHENIENSE, Alexandre. Disponível em <http://www.dnt.adv.br/noticias/cibercultura/cyberbullying-o-que-e-e-como-se-proteger-desse-grave-problema/>. (Acesso em 28 de maio de 2014).

BRASIL, **Estatuto da Criança e do adolescente**. 13 de julho de 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso realizado no dia 22 de março De 2014.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. 1ª edição. Editora Gente, 2008, 280p.

LOPES NETO, Aramis Antonio. **Bullying: saber identificar e como prevenir**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011. 118 p.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Editora Verus, 2005, 224 p.

MARCHESI, A. **O que será de nós, os maus alunos?**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Ed Artmed, 2006, 192 p.

MAURO, D.D. **Bullying- um mal silencioso com consequências devastadoras**. Fundação Juscelino Kubitscheck. Disponível em: <http://www.fundacaojk.org.br/downloads/Bullying%20-%20Um%20Mal%20Silenc>. Acesso em: 10 de abril 2014.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Cyberbullying: a violência virtual**. 2. ed. Recife: Edupe, 2011. 120 p.

LOPES NETO, A. **Diga não ao bullying**. 5 ed. Rio de Janeiro, ABRÁPIA, 2004.

ROSA, Fabrizio. **Crimes de Informática**. 3. ed. São Paulo: Editora Bookseller, 2007. 141 p. [http://www.brasile scola.com/curiosidades/bode-expiatorio.htm\\_10/02/2014](http://www.brasile scola.com/curiosidades/bode-expiatorio.htm_10/02/2014)

# APÊNDICES

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA

### Identificação do (a) entrevistado (a):

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

**01** Você já foi agredido de alguma forma na escola? Marque com um “x” o que aconteceu:

- ( ) Alguém bateu , chutou, deu rasteiras, pontapés, socos ou empurrou você.
- ( ) Alguém colocou apelidos maldosos em você.
- ( ) Alguém fez brincadeiras e gozações que deixaram você constrangido.
- ( ) Alguém disse coisas maldosas e mentiras sobre você ou sua família.
- ( ) Alguém faz gozações por seus óculos, ou por você ser pequeno, gordo, loiro, ou baixo.
- ( ) Alguém roubou seu lanche ou seu dinheiro.
- ( ) Alguém lhe fez ameaças, zombarias ou fofocas.
- ( ) Você já foi impedido de participar em alguma brincadeira ou de algum grupo.

**02.** Você já presenciou algum ato de violência e/ou preconceito dentro do ambiente escolar?

- ( ) Sim                      ( ) Não                      ( ) Não lembro

**03.** Onde aconteceu esse ato violento?

- ( ) Na sala de aula.
- ( ) No recreio.
- ( ) No corredor da escola.
- ( ) No portão da escola.
- ( ) No banheiro da escola.
- ( ) Outros lugares.

**04.** Você acredita que a escola – direção e professores – estão prontos para resolverem questões que envolvem o *bullying* na escola? Por que?

---



---

**05.** O que você pensa a respeito do *bullying* na escola?

---



---